

# A NUÁRIO ' 2020

## DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

ISSN 2177-8930

Nº 06|2019 | ANO 42 | Edição 291 | R\$ 45,00

**Gasull**  
Associação  
de Suinocultores e Industriais

A red world map is overlaid with a white seismic wave. A black probe tip is shown on the left, with a white line representing the seismic wave extending across the map, showing a significant spike over the Asia-Pacific region.

## O abalo sísmico

### que mudou o rumo do mercado global de carnes

Os casos de PSA na Ásia e o risco de avanço da enfermidade pela União Europeia têm transformado a relação de consumo entre as carnes, abrindo oportunidades para países como o Brasil nas exportações e impactando a demanda por grãos



# CONJUNTURA ECONÔMICA DA SUINOCULTURA BRASILEIRA

Com base nas médias dos embarques realizados até outubro, é possível projetar que o aumento das exportações para a China seja responsável por mais 90% do aumento nas exportações de carne suína do Brasil em 2019. A participação chinesa nas exportações brasileiras aumentou de 24,6% em 2018 para 31,5% no dez primeiros meses deste ano

Por Franco M. Martins<sup>1</sup>, Dirceu J. D. Talamini<sup>1</sup>, Jonas I. dos Santos Filho<sup>1</sup>



Em 2019, a produção e comércio mundial de carne suína foram imensamente impactados pelos surtos da Peste Suína Africana (PSA) que emergiram na China na segunda metade de 2018 e que depois atingiram outros países. A China é responsável por quase a metade da produção mundial de carne suína, e o impacto da eliminação de plantéis visando o controle da doença assume proporções extraordinárias. Esta doença deve causar uma redução de 14% da produção

em relação a 2018 e os impactos esperados em 2020 serão ainda maiores, projetando uma redução de 25%. Em 2019, a doença também afetou a produção no Vietnã (-15%) e nas Filipinas, onde os efeitos terão maior repercussão em 2020 com perdas projetadas em 16%. Na Europa, a doença foi detectada na Bélgica, em rebanhos selvagens de javalis. Como medida preventiva, alguns rebanhos comerciais foram abatidos. No entanto, tais ocorrências não influenciaram a produção total do bloco e tampouco impediram

**Figura 01. Principais países produtores de carne suína em 2019, milhões de toneladas (USDA)**



**Figura 02. Importações de carne suína pela China, milhões de toneladas 2015-2019 (USDA) e participação nas importações mundiais (%)**



**Figura 03. Principais países exportadores de carne suína, milhares de toneladas - 2015 a 2019 (USDA)**



uma expansão nas exportações, motivada justamente, pelos problemas de suprimento gerados pela PSA. Assim, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) a produção mundial deverá diminuir 6%, em relação a 2018, atingindo um volume de 106 milhões de toneladas. Em 2020 os efeitos da PSA persistirão, principalmente na China, Vietnã e Filipinas, projetando uma redução de 10% da produção global.

Devido à forte queda na produção, a China vem aumentando as importações para suprir o mercado interno. O país importou 1,56 milhão de toneladas em 2018 e deve importar 2,6 milhões de toneladas em 2019. Assim, no mesmo perí-

odo, a participação do país nas importações mundiais deve aumentar 20% para 29%. O governo chinês tem implementado medidas para incentivar investimentos na produção visando reestabelecer o suprimento do mercado interno aos níveis alcançados antes do surto de PSA. No entanto, como tais medidas não surtem efeito em curto prazo, a produção chinesa ainda deverá diminuir em 2020, ano em que as importações do país, segundo o USDA, deverão crescer 35%. Filipinas, também afetada pela PSA, deverá importar um volume 32% maior em 2020. Nesta corrente, as exportações devem crescer 7,7% em relação a 2018 e atingir um volume de 9,4 milhões de toneladas em 2019. Em 2018 as exportações representaram 7,56% da produção mundial. Em 2019 esta participação deve chegar a 8,90%.

A União Europeia (UE) mantém a liderança das exportações. Em 2019, o bloco

deve exportar 3,45 milhões de toneladas, projetando um crescimento de 17,6% em relação a 2018. As exportações dos Estados Unidos devem crescer 12% e chegar 2,99 milhões de toneladas. Além de suprir a demanda no mercado chinês, os Estados Unidos terão suas exportações estimuladas pela crescente demanda em mercados importantes como México, Japão e Coreia do Sul.

O Canadá, terceiro maior exportador, não se valeu das oportunidades de expansão de comércio em 2019. A China, que absorve mais 20% das exportações do país, impôs em julho de 2019 um embargo às carnes canadenses. Assim, inicialmente, as projeções sinalizavam uma discreta queda

**Tabela 01. Evolução da produção de carne suína nos principais países produtores, milhões de toneladas**

	País	2015	2016	2017	2018	2019	Crescimento médio anual (%)
	China	54.870	52.990	53.400	54.040	46.500	-3,84
	UE	23.249	23.866	23.663	24.082	21.120	0,83
	EUA	11.121	11.320	11.611	11.943	12.516	2,94
	Brasil	3.519	3.700	3.725	3.763	3.975	2,64
	Rússia	2.615	2.870	3.000	3.155	3.240	5,77
	Vietnã	2.548	2.701	2.741	2.675	2.811	-0,79
	Canadá	1.899	1.914	1.959	1.955	2.000	1,26
	Filipinas	1.463	1.540	1.563	1.602	1.675	4,52
	México	1.164	1.211	1.267	1.321	1.390	3,14
	Coreia do Sul	1.217	1.266	1.280	1.329	1.365	2,82
	Japão	1.254	1.279	1.272	1.284	1.295	0,68
	Outros	5.505	5.472	5.511	5.654	5.655	0,87
	<b>Total</b>	<b>112.008</b>	<b>111.394</b>	<b>109.406</b>	<b>113.157</b>	<b>106.131</b>	<b>-0,93</b>

Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do USDA

(-1,2%) nas exportações do Canadá, cujo volume total deve chegar a 1,31 milhão de toneladas. Porém, em novembro, o Canadá demonstrou evidências de que os produtos estão em conformidade e a China removeu o embargo. Assim, é possível esperar uma retomada nos volumes exportados pelo país.

Chile (+20%) e México (+18%), países de menor expressão nas exportações de carne suína, também apresentam crescimento expressivo nos embarques em 2019 (Figura 03). Em 2020, as exportações globais deverão crescer em mais de 10% e, neste cenário, Brasil (+20%), União Europeia (+13%) e Estados Unidos (+11%), são apontados como os países cujos embarques continuarão em franco crescimento.

### A CONJUNTURA NO BRASIL

Entre os anos de 2014 e 2018 as exportações brasileiras tiveram crescimento anual médio de 6,6%. Em 2019, as expectativas menos otimistas, baseadas no atual ritmo das exportações apontam para um crescimento bem superior (13%). No entanto, foram os problemas na produção chinesa que sustentaram este crescimento. Até outubro, as exporta-

ções para a China aumentaram em 38,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Em volume, este incremento foi de 51,4 mil toneladas. Com base nas médias dos embarques realizados até outubro, é possível projetar que as exportações para a China respondam por mais de 90% do aumento nas exportações de carne suína do Brasil em 2019. A participação da China nas exportações brasileiras aumentou de 24,6% em 2018 para 31,5% nos dez primeiros meses de 2019.

Os embarques para Hong Kong, segundo mercado mais importante, em termos de volume (com participação de 21,9%), tiveram uma queda de 7% e acumularam 128,3 mil toneladas até outubro. O comércio com Singapura também apresentou

retração (-21,8%), totalizando 28,7 mil toneladas.

As exportações para os principais mercados da América do Sul continuam crescendo. A forte queda nas exportações para Argentina (-19,2%) foi compensada pelo aumento nos volumes embarcados para o Uruguai (+11,6%) e Chile (+38,4%). Assim, o volume total exportado para estes países, até outubro, chegou a 95,9 mil toneladas. Este volume é 8,8% maior do que o exportado até o mesmo período de 2018. Ao todo, estes países devem absorver 16% das exportações brasileiras em 2019.

Ao final de 2018, a Rússia retirou o embargo que havia imposto à carne suína brasileira em 2017. Esta decisão gerou expectativas de retomada nas exportações para este destino. No entanto, a Rússia mantém sua política de crescimento na produção e, em 2019, até outubro, o Brasil havia exportado apenas 33,5 mil toneladas. Este volume é quase oito vezes menor que as 259,4 mil toneladas exportadas em 2017. Na África, após apresentar crescimento em 2018, as exportações para Angola estão 29,2% menores e acumularam 23,7 mil toneladas até outubro.

Neste cenário, a participação do Brasil nas exportações mundiais aumentou para 9,3%. Entre 2014 e 2018, a participação média foi de 8,64%. (Figura 06). O país também aumentou

**Figura 04. Importação de carne suína- principais países (2015-2019), milhões de toneladas, USDA**



**Figura 05. Exportações brasileiras de carne suína - principais destinos, milhares de toneladas, AGROSTAT/MAPA**



participação relativa das exportações em relação à sua produção total. Este índice, que entre 2015 e 2018 foi de 20%, chegou a 22% em 2019.

Embora o USDA estime, para 2019, um crescimento de quase 20% nas exportações brasileiras, os volumes registrados até outubro projetam um crescimento de 13%, atingindo um total de 720 mil toneladas em 2019 (MAPA/AGROSTAT).

O aquecimento da demanda proporcionou também aumento no valor das exportações do Brasil. Nos dez primeiros meses de 2018, o preço médio da carne suína exportada foi de US\$ 1.870,00 por tonelada. Em 2019, o preço médio, no mesmo período, foi de US\$ 2.090,00, ou seja, 11,8% maior. Em termos de valores absolutos 2018, o valor exportado até outubro foi de US\$ 981,9 milhões. Em 2019 o valor atingido no mesmo período foi de US\$ 1,22 bilhão. Na China, a variação nas cotações foi de 20,5% e o preço médio (janeiro-outubro) chegou a US\$ 2.350,00

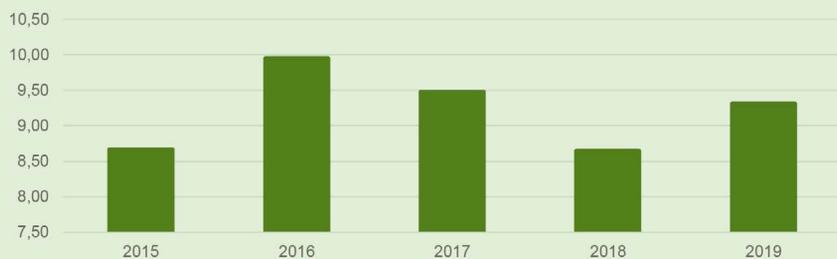
por tonelada (Figura 07). Os preços de exportação para a Coreia do Sul aumentaram em 17% e chegaram US\$ 2.150,00 por tonelada. Porém, o volume destinado àquele país ainda é modesto (4.139 toneladas até outubro). Também houve valorização de preços nas exportações para Singapura (+11,3%; US\$ 2.400,00) e Uruguai (+7,4%; US\$ 2.400,00). Nas exportações para o Japão, para onde o volume também é discreto, (4.235 toneladas até outubro), a valorização foi de 5,2% e a tonelada foi exportada a US\$ 3.620,00. Na Argentina, apesar de uma expressiva queda no volume exportado, a carne suína brasileira teve uma valorização de 1,31% e alcançou o preço de US\$ 2.320,00.

Os preços de exportação apresentaram queda em três dos principais mercados para o Brasil. Em Hong Kong, segundo maior comprador, a cotação teve uma queda próxima a 1% e valor de exportação foi de US\$ 1.830,00 por tonelada. Nas exportações para o Chile, que atualmente é o terceiro maior importador de carne suína brasileira, os preços

caíram cerca de 1% e a cotação média da tonelada foi de US\$ 1.990,00. Nas exportações para Angola, que é um mercado de baixo valor agregado, mas importante em termos de volume, a cotação teve uma queda de 5,2% e a tonelada foi exportada à US\$ 910,00.

No que se refere ao suprimento do milho, em 2019, o aumento da produção e os estoques de passagem fizeram com que os preços do cereal, por boa parte do ano, se mantivessem abaixo dos preços de 2018, favorecendo os custos de produção. Em Santa Catarina, Estado com maior déficit no suprimento de milho e preços fortemente impactados pelos custos do frete, o preço médio no atacado em 2018 (até outubro), foi de R\$ 41,08/saca (Epagri). Em 2019, para o mesmo período, a cotação média teve uma redução de 6,8% e o preço médio foi de R\$ 38,28. No entanto, o aumento nas exportações do grão e das carnes, a valorização cambial e a expectativa de quebra

**Figura 06. Participação do Brasil nas exportações mundiais de carne suína (%) 2015-2019**



**Figura 07. Preços da carne suína brasileira nos principais mercados, US\$ por tonelada, AGROSTAT/MAPA**



**Figura 08. Preços do Milho em Santa Catarina, R\$/Saca, (EPAGRI/CEPA)**



na produção americana e na brasileira, têm impulsionado a cotação do milho, especialmente desde o mês de setembro. Em novembro, nas três primeiras semanas, a média dos preços semanais coletados em Santa Catarina indicava uma cotação de R\$ 42,06. Este valor é 3,9% superior à cotação média de outubro e 9,1% superior à cotação média de setembro. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), mesmo com um discreto aumento na área cultivada (0,2%), a produção total de milho deverá ter uma redução de 1,7% em 2020. Esta projeção deve-se a problemas climáticos que podem implicar numa redução de 3,1% na segunda safra.

outubro, foi de R\$ 4.14 (Figura 10). Este valor é 35,7% superior à média do mesmo período em 2018. Nas primeiras semanas de novembro, a proximidade das festas natalinas e intenso ritmo exportações continuam impulsionando os preços do suíno vivo.

Quanto à carne suína, os preços apresentam crescimento ainda mais expressivo (Figura 11). Em Santa Catarina, Estado que é o maior exportador do Brasil, o preço médio da carcaça no atacado, até outubro aumentou em mais de 19% em relação ao mesmo período de 2018. Outros produtos como carré (13,1%), lombo (14,4%), pernil (11,4%) e costela (11,4%)

As exportações do milho, seu crescente uso na produção de etanol o aumento da produção de carnes e os preços internacionais poderão elevar os preços do grão no mercado interno e os custos das cadeias de produção de proteína animal.

Os preços do farelo de soja, outro insumo importante nos custos de produção de suínos, apresentam comportamento semelhante. Em Chapecó, no oeste catarinense, o preço médio do insumo no atacado em 2018 (até outubro) foi de R\$ 1.374,00. No corrente ano a cotação média é de 1.282,00, apresentado uma redução de 6,7%. A cotação se manteve relativamente estável no segundo semestre. Porém, os preços de novembro já superaram os de 2018, pela crescente demanda pelas carnes, tanto no mercado interno como nas exportações.

A demanda aquecida, nos mercados externo e interno tem também se refletido nos preços pagos ao suinocultor e nos preços da carne suína no mercado interno. Por exemplo, em 2019, no mercado independente de Santa Catarina, a média mensal dos preços do suíno vivo, até

também apresentaram aumento expressivo nos preços.

O final do ano de 2019 projeta expectativas favoráveis para economia brasileira. A redução na taxa de juros, a aprovação da reforma da previdência e a manutenção de políticas de austeridade fiscal geram expectativas para a retomada de investimentos e geração de emprego renda. O Produto Interno Bruto (PIB) deverá crescer em torno de 0,9% no corrente ano. As projeções para 2020 apontam um crescimento ao redor de 2%. Ainda que modesto, este índice pode implicar em melhoria no poder de compra do consumidor, no fortalecimento ou ao menos na sustentação do consumo.

O crescimento das exportações, pelo menos a curto e médio prazo, deverá estar concentrado na China. Não há informações precisas sobre quanto tempo esse país levará para reestabelecer os antigos níveis da produção da carne suína. Os impactos da PSA farão a China depender das importações pelo menos nos próximos dois a três anos. A disputa comercial do país com os

Estados Unidos é também um foco de incertezas importantes para o Brasil que tem a China como seu principal mercado. Um eventual avanço nesta disputa pode representar uma nova posição dos Estados Unidos no mercado chinês. Levando-se em conta o potencial exportador americano, isto poderá prejudicar o Brasil naquele mercado.

As oportunidades de crescimento e as incertezas devem ser levadas em conta nas estratégias de produção e comércio internacional. A carne suína brasileira tem qualidade, padrão sanitário e preços que permitem o setor ampliar e consolidar sua participação no mercado externo.

**Figura 09. Preço do farelo de soja, R\$ por tonelada, Chapeco-SC (CONAB)**



**Figura 10. Preços do suíno vivo em Santa Catarina, R\$/kg (EPAGRI/CEPA)**



**Figura 11. Preços de produtos suínos, CEPA-SC - Atacado**



O setor tem demonstrado capacidade de responder ao crescimento da demanda. Porém, quando a situação internacional se normalizar, a suinocultura brasileira terá o desafio de não ficar tão dependente de um mercado, como já ocorreu em relação à Rússia até recentemente. Assim, tendo em vista o potencial produtivo do setor no Brasil é necessário continuar ampliando sua capacidade de conquistar novos mercados, consolidar os existentes e avançar no mercado interno, popularizando essa carne e incrementando o seu consumo per capita. <sup>34</sup>

<sup>34</sup>Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves